

## ● ENTREVISTA

# “O mercado vai ajustar, se o deixarem e sem intervenções ‘top down’”

Paulo Pereira, presidente da Delegação Regional da Madeira da Ordem dos Economistas

MARCO LIVRAMENTO

mlivramento@dnoticias.pt

Amanhã, dia 28 de Novembro, tem lugar a XVI Conferência Anual do Turismo (CAT), um evento da responsabilidade da Delegação Regional da Madeira da Ordem dos Economistas.

Este ano, o encontro que reúne um conjunto de especialistas na área do turismo, no Centro Congressos da Madeira, tem como tema a Tecnologia.

O DIÁRIO falou com Paulo Pereira, presidente da estrutura regional da Ordem dos Economistas, que apontou, em traços gerais, o que se pode esperar deste encontro.

**Este ano a Conferência Anual do Turismo tem a tecnologia como tema. Porquê esta escolha? A escolha do tema para a CAT é sempre um momento desafiante para a equipa e esta XVI edição coincide com uma fase de grande ‘buzz’ à volta da tecnologia, em especial da Inteligência Artificial, da robotização, da moeda digital, entre muitos outros subtemas, pelo que entendemos ser oportuno encaixar nos desafios e oportunidades do turismo da RAM, algumas das (mesmo) muitas vertentes em que a tecnologia pode contribuir (ou não) para aumentos de produtividade da economia, muito ligada ao sector do Turismo.**

**Em que medida a tecnologia determina e condiciona o turismo actual e futuro? E de que forma é que isso se sente na Madeira?** Uma boa parte da Conferência aspira a debater e responder a essas questões, daí entendermos ter conseguido reunir um lote de especialistas, a quem desde já agradeço a disponibilidade e entusiasmo, que nos comuniquem isso mesmo em vertentes práticas e ligadas ao dia a dia do turismo e por consequência, dos madeirenses: limites que podemos esperar da tecnologia ao crescimento do sector e consequentemente da economia regional? Será ela a permitir ultrapassar os limites do aeroporto da Madeira? Será ela a ajudar a solucionar os crescentes problemas de trânsito sem nova vaga de obras rodoviárias caras e desvirtuadoras da paisagem? Permite ela que possamos digladiar comercialmente com destinos mais ricos e maiores? Será ela alternativa e/ou compatível com uma indústria tão ligada às pessoas e ao contacto humano? E conseguimos de novo convencer um mode-

A edição deste ano volta a ter lugar no Centro Congressos da Madeira.

FOTO: MIGUEL ESPADA/ASPRESS/ARQUIVO



rador/desafiador que tem por missão tirar os oradores de naturais e eventuais posições de conforto e de politicamente correcto.

**Como olha para o crescimento que o sector do Turismo tem conhecido nos últimos dois anos, na Região? É um facto que é sensacional e que tem permitido à economia regional como um todo recuperar dos disparates dos confinamentos e a muitas famílias estarem a conseguir resistir ao efeito inflacionista global, com remunerações (declaradas e informais) reais positivas ou muito próximas disso, ou seja, mantendo ou até aumentando o poder de compra. E isso deve-se muito a este sucesso do Sector.**

**As críticas que apontam para excesso de turistas tem algum fundamento? Até onde poderá ir a Madeira neste âmbito? O mercado vai ajustar, se o deixarem e sem intervenções ‘top down’ que só distorçam ainda mais as coisas. Este sucesso é ainda muito recente e é de facto ‘repentino’ à percepção humana. É uma característica dos nossos tempos achar que dois anos é muito tempo, mas não o é em termos estruturais. Haverá certamente a necessidade de coabitar sucesso turístico com percepção de aumento da qualidade de vida dos locais para que os dois mundos não choquem, mas acredito que esse cami-**

nho está a ser feito por si, mas não é imediato, e isso cria essa sensação a muita gente, mas todos têm de perceber que não haveria muito do que de bom lhes está acontecer na vida sem a causa de alguns disabores (que existem) diários trazidos pelo turismo crescente.

**Há quem aponte que temos perdido qualidade em detrimento da quantidade. Concorda com esta apreciação? É natural que os incumbentes, os que estão confortavelmente instalados, sintam-se incomodados com a mudança, com a perda relativa e real de certos aspectos da sua vida que davam como adquiridos, mas que num mundo em constante mudança e em economias mais ou menos abertas e livres, não o são. Quem já tinha carro, empregada doméstica, consumia refeições fora regularmente, entre outros, queixa-se agora que há trânsito, que faltam (e estão mais caras) as empregadas domésticas e que os «restaurantes não estão para madeirenses», etc. ignorando que muitos outros seus conterrâneos que tinham menos recursos e oportunidades passaram a poder beneficiar de uma maior qualidade de vida porque o crescimento do turismo permitiu-lhe ter mais escolha e maior remuneração sem terem de emigrar ou de se sujeitar ‘ao que aparece’. Já na óptica do cliente, em mercados livres, este é rei e se estão a vir em maior número e mais vezes, pagando mais por quartos, refeições, experiências e alugueres de carros e motos, é que estão a perceber mais qualidade.**

**Que medidas devem ser colocadas já no terreno para evitar disabores futuros neste âmbito? Não há soluções, apenas ‘trade offs’. Se mexermos numa parte do funcionamento da economia, haverá certamente consequências negativas indesejadas que não se previam de início quando se decide intervir. E lembremo-nos que das acções do Estado deve-se esperar bem limitado e mal ilimitado, pelo que tenho sempre grandes reticências a intervenções repentinas dos governantes na economia, movidos certamente por boas intenções e pela necessidade de apresentar respostas imediatas ao eleitorado, que passou a viver num mundo irrealista onde ‘necessidades passaram a direitos’. Acredito, e a história e a lógica comprovam-no, que o tempo e a interacção voluntária dos agentes económicos (patrões, trabalhadores e clientes)**

levam aos melhores equilíbrios possíveis. E realço o «possíveis»...

**O que espera da edição deste ano da CAT? E o que podem esperar os participantes, tendo em conta o tema e os oradores convidados?** Esperamos promover, como desde a I CAT, debate e troca de conhecimento de forma aberta e livre, única maneira de criar crescimento económico, pois como disse Mises, «ideias e só ideias podem iluminar a escuridão». A tecnologia e seu desenvolvimento permitem aspirar a ganhos de produtividade que são o único caminho para se poder proporcionar aumentos de ganhos reais ao capital e ao trabalhador. Com o crescimento económico saudável, o criado pelos privados em mercados livres e abertos, há uma grande procura por eficiência e tentativa contínua de anulação e desperdício, e isso significa mais tempo livre, menos carga física e psicológica, menos poluição, mais qualidade de vida. O turismo é uma parte importante desse caminho, não a única certamente e com naturais riscos de eventual sobre-exposição. É disto que se irá falar de forma que os participantes sintam, uma vez mais, que todo este esforço e dedicação da Ordem dos Economistas da Madeira vale a pena em termos de aumento dos seus níveis gerais de conhecimento e experiência social.

**Haverá também uma homenagem a Dionísio Pestana... Exacto. Vamos fazer uma homenagem ao novo membro Honorário da Ordem dos Economistas, o Dr. Dionísio Pestana, que será apenas a sexta pessoa a receber este título. E com todo o mérito. Por toda uma carreira regional, nacional e internacional a criar valor para si e para todos os ‘stakeholders’ (clientes, trabalhadores, fornecedores, estado e sociedade) que interagem com o Grupo Pestana. A Ordem dos Economistas homenageia-o e ao que ele representa: a importância do empreendedor na economia, que juntamente com o capital e trabalhadores, são os factores necessários para que haja crescimento e desenvolvimento económico.**

Não posso deixar de agradecer a presença do presidente do Governo Regional, do secretário regional de Turismo e Cultura e do bastonário que vão intervir, aos patrocinadores e parceiros que fazem esta conferência possível e às já várias centenas de congressistas inscritos, para quem a CAT é dirigida.

## TENHO SEMPRE GRANDES RETICÊNCIAS A INTERVENÇÕES REPENTINAS DOS GOVERNANTES NA ECONOMIA